

VERSO HEXÂMETRO

1. DEFINIÇÃO.

Hexâmetro é o verso de seis pés ou medidas.

Diz-se pé a unidade métrica formada por duas ou mais sílabas.

Os pés que entram na constituição do hexâmetro são chamados dátilos. Daí o nome, por que é vulgarmente conhecido, de hexâmetro datílico. O pé dátilo é formado de uma sílaba longa e duas breves (- u u). Tem êle assim a duração de quatro breves, uma vez que uma longa corresponde a duas breves. De igual duração é o espondeu, que consta de duas sílabas longas (--), ou seja, também quatro breves. Por isso, são os dátilos substituídos freqüentemente por espondeus no verso hexâmetro. O último pé do hexâmetro podia ser espondeu ou troqueu (- u).

Há controvérsia entre os autores que se ocupam de métrica latina relativamente à natureza do último pé do hexâmetro. Aham uns que êle é um pé espondeu; outros, que é um troqueu. Para os primeiros, o hexâmetro é uma hexapódia datílica acatalética; para os últimos, uma hexapódia datílica catalética. A discussão, na prática, pouco interesse se oferece, porque é princípio aceito em métrica latina de que a última sílaba do verso é indiferente, quanto à duração.

O hexâmetro é o verso de seis pés, a saber de cinco longos e um curto, que também nas sátiras, nas elegias, e nas epístolas.

2. ORDEM DOS PÉS.

Os pés são dispostos, no hexâmetro, da seguinte maneira: os quatro primeiros são indiferentemente dátilos ou espondeus, o quinto é ordinariamente dátilo, o sexto espondeu ou troqueu. Dizemos ordinariamente, porque há exemplos de ocorrência de espondeu no quinto pé. Catulo, ^{em consonância com o} ~~exemplo dos alexandrinos~~, usa, e até com certa freqüência, essa espécie de hexâmetro. Mas, depois de Catulo, ela menos empregada. Vergílio serve-se dela com parcimônia. Diz Havet que se encontram, ao todo, 51 versos hexâmetros com espondeu no quinto pé, em Vergílio. Outros poetas latinos nunca usaram essa modalidade de hexâmetro. Neste número estão Tibulo e Pérsio. Este chega mesmo a criticá-la. O hexâmetro, ^{que tem o quinto pé} ~~em que o quinto pé é um~~ espondeu, é conhecido por espondeico. Neste caso o pé anterior devia ser um dátilo.

Exemplo de hexâmetro espondeaico:

Saxã për/ët acõpũ/lõs ët/ dẽprẽs/sãs cõn/uãllẽs.

(Verg., Georg., III, 276)

Em Ênio há versos inteiros constituídos de pés espondeus. São exemplos disso os dois hexâmetros abaixo:

Õllĩ/ rẽspõn/dĩt rẽx/ Albãĩ Lõn/gãĩ.

Ciũs/ Rõmã/nĩ tũno/ fãctĩ/ sũnt Cãm/pãĩ.

Ao que nos consta, só uma vez usou Vergílio dessa espécie de hexâmetro, assim mesmo se se considerar ocreas, como contendo duas sílabas longas:

Aut lãlãs õ/creãs lãn/tõ dũ/eũnt ãr/mẽntõ.

(Aen., VII, 630).

3. ORIGEM.

O hexâmetro é um verso de procedência grega. Já aparece empregado nos poemas homéricos: Íliada e Odisseia. O verso nacional latino era o saturnio, de difícil contextura. Foi o poeta Ênio (239-169 a. C.) quem introduziu, com os seus Annales, o hexâmetro na épica latina. Ainda rude com Lucrécio, aperfeiçoa-se com Vergílio e chega a ao requinte com Ovídio.

4. TEMPO FORTE E TEMPO FRACO.

Havia uma parte do pé que era posta em relêvo pela ^{por sua própria} maior ~~intensidade~~ ^{etc} ~~da voz com que era proferida~~. Chamava-se ictus ou tempo forte do pé. A outra parte, constituída, no hexâmetro, pela sílaba longa final no espondeu e pelas duas breves no dátilo, formava o tempo fraco. ^{com mais força}

Os gregos denominavam ao tempo forte tesis e arsis ao fraco. Correspondiam êsses tempos respectivamente ao momento em ^{to} chefe da orquestra (scrifau), ao marcar o compasso, abaixava ou elevava o bastão. É preciso não esquecer que os versos, a princípio, eram cantados. Acha Havet que se devem evitar, em se tratando de métrica latina, êsses dois termos, por se prestarem a equívocos.

5. RITMO.

A sucessão, em espaços iguais, de sílabas longas e breves, de tempos fortes e fracos, constituía o ritmo ou número. Rhythmi, id est numeri, unatio temporum constant. (Quint., Inst. Orat., IX, 4, 46).

Há em latim versos de ritmo ascendente e versos de ritmo descendente, dependendo da espécie de pé que entra na sua contextura.

São de ritmo descendente aqueles em que o tempo fraco precede o forte. Assim os versos formados de pés jâmbos (u -) e anapestos (u u -).

São de ritmo descendente aqueles em que o tempo forte precede o fraco. Tais os versos constituídos de pés dâtilos (- u u) e troqueus (- u).

O espondeu pode ter o seu tempo forte na primeira (- -) ou na segunda sílaba (- -), conforme os casos. Se êle substitui o dâtilo ou com êle se combina no verso, o tempo forte recai na primeira sílaba; se, porém, é ao anapesto o pé que êle substitui ou com que está em combinação, o tempo forte recai na segunda sílaba longa do espondeu.

O hexâmetro é um verso de ritmo descendente.

6. EXPRESSIVIDADE.

A predominância de pés dâtilos ou espondeus, no hexâmetro, não importa, em geral, a beleza ou perfeição do verso. Mas o poeta pode servir-se disso, como um recurso de estilo, para dar à sua linguagem mais expressividade. Este expediente não foi estranho a Vergílio como aos outros poetas latinos. Assim, para indicar a fuga precipitada do tempo, empregou e manteve intencionalmente só pés dâtilos, como mais leves e rápidos, no seguinte hexâmetro:

Sed fūgīt/ Intēre/ā. fūgīt/ Irrēpā/rābilē/ tēmpūs.

(Georg., VIII, 596)

Ao contrário, para assinalar a marcha difícil de Enéias, através de muitos obstáculos, em sua descida ao inferno, em companhia da Sibila, só faz uso de pés espondeus, como mais pesados e lentos:

Ibānt/ōbscū/rī sō/lā sūb/ nōtē pēr/ ūbrām.

(Aen., VI, 268).

7. MEDIDA.

Quanto à medida, classificam-se os versos em cataléticos e acataléticos.

Catalético é o verso a que falta uma sílaba. É catalético, por

exemplo, o verso que, em vez de terminar num dátilo, termina num troqueu. ~~O hexâmetro miúro é também um verso cataletico~~, por terminar num pé iambo. Diz-se miúro o hexâmetro a que falta um tempo.

Exemplo de um hexâmetro miúro:

Mōrtēm/ cōntēm/nānt lāu/dātō/ uūlnērē/ Gētās.

(Lívio Andrónico)

Acataletico é o verso a que nada falta, isto é, o verso completo.

Alguns poetas latinos empregaram hexâmetros hipermétricos. Assim se chamam os ~~hexâmetros~~ que têm uma sílaba a mais no fim. Esta sílaba, que terminava em vogal ou m, ^{que se} elidia-se ante a sílaba da palavra inicial do verso seguinte, que devia, por isso, começar por vogal. Há em Vergílio vinte exemplos aproximadamente de hexâmetros hipermétricos. Em dezesseis ^{desses} ~~exemplos~~, a sílaba ^{em apêndice} que se elide é constituída pela partícula -que.

Exemplos de hexâmetros hipermétricos:

lāctē/mūr, dōcē/ās. I/gnārā/ hōmī/nūnquē lō/cōrūm/que

Erramus...

(Verg., Aen., I, 332, 333).

lānquē/ Itēr/ emēn/sī tūr/rēs āc/tēctā lā/tīnō/nūm.

Ardua cornebant iuvenes...

(Verg., Aen., VII, 160, 161).

Nos se dizem inacabados verso cataletico com verso inacabado. Há na Eneida, ~~que a Eneida contém~~, muitos versos inacabados. Alguns autores ~~para tanto~~, tentaram justificar o fato como intencional. Para eles, o poeta quis, com tal expediente, variar o ritmo de seus versos, o que não é admissível. Como explicar, então, que eles só apareçam, de longe em longe, na contextura do poema? Ao revés do que eles dizem, aquêles versos servem de demonstrar que a Eneida é um poema que "não chegou à sua perfeição definitiva". Justifica-se assim o desejo manifestado pelo poeta, na hora da morte, de que ele fôsse queimado, como obra indigna de seu nome. São versos inacabados da Eneida os seguintes: Livro I, 534, 560, 636; Livro II, 63, 233, 346, 468, 614, 623, 640, 720, 767, 787; Livro III, 218, 316, 340, 470, 527, 640, 661; Livro IV, 44, 361, 400, 503,

Agora os hexâmetros hipermétricos
me lembra, encontrando-se em latim, outros
que a empregassem. Para não os confundir
com os hipermétricos.

MORTEM/ contem/nant lau/dato/ vulnere/ Getae.

(Lívio Andrónico)

Acatalético é o verso a que nada falta, isto é, o verso completo.

Alguns poetas latinos empregaram hexâmetros hipermétricos. Assim se chamam os ~~hexâmetros~~ que têm uma sílaba a mais no fim. Esta sílaba, que terminava em vogal ou ^{que se} m, elidida-se ante a sílaba da palavra inicial do verso seguinte, que devia, por isso, começar por vogal. Há em Vergílio vinte exemplos aproximadamente de hexâmetros hipermétricos. Em dezesseis ^{deles} ~~dos~~ exemplos, a sílaba que se elide é constituída pela partícula -que.

Exemplos de hexâmetros hipermétricos:

Iactā/mūr, dōcē/sē. I/gaērā/ hōmī/nūquē lō/cōrūn/quē

Erramus...

(Verg., Aen., I, 332, 333).

Iānquē/ itēr/ emēn/sī tūr/rēs ac/tēctā lā/tīnō/nūm.

Ardua cernebant iuvenes...

(Verg., Aen., VII, 160, 161).

Nos se darent confundi verso catactico com verso inacabado.
Há na Eneida, como se sabe, muitos versos inacabados. Alguns autores, ~~particularmente~~, tentaram justificar o fato como intencional. Para eles, o poeta quis, com tal expediente, variar o ritmo de seus versos, o que não é admissível. Como explicar, então, que eles só apareçam, de longe em longe, na contextura do poema? Ao revés do que eles dizem, aquêles versos servem de demonstrar que a Eneida é um poema que "não chegou à sua perfeição definitiva". Justifica-se assim o desejo manifestado pelo poeta, na hora da morte, de que ele fôsse queimado, como obra indigna de seu nome. São versos inacabados da Eneida os seguintes: Livro I, 534, 560, 636; Livro II, 63, 233, 346, 468, 614, 623, 640, 720, 767, 787; Livro III, 218, 316, 340, 470, 527, 640, 661; Livro IV, 44, 361, 400, 503, 516; Livro V, 294, 322, 574, 653, 792, 815; Livro VI, 94, 835; Livro VII, 129, 216, 439, 455, 702, 760; Livro VIII, 41, 469, 536; Livro IX, 166, 294, 466, 519, 720.

(1) (Vide retro) 5 br)

§. CESURA.

O verso hexâmetro, por ser de certa extensão, ~~deve~~ ^{deve} ser lido ~~de uma só vez~~. Ela exige uma mais pausas interiores, a que se dá o nome de cesura.

Cesura é, pois, a pausa que se observa entre as partes ou membros de um mesmo verso.

É raro que a cesura coincida com o fim de um pé. Quase sempre ela se verifica no interior do pé. Por isso, antigamente a definiam "uma sílaba que acaba uma palavra e começa um pé".

A cesura pode ser masculina ou feminina.

É masculina, se recai depois de uma sílaba longa; feminina, se depois de uma breve.

Exemplo de cesura masculina:

Hēctōrē / I sōcī / I / Trō / iās quōs / sōrte su / prēma.

(Verg., Aen., V, 190).

Exemplo de uma cesura feminina:

Lābītūr / ēt lā / bētūr // In / omnē uō / lūbīlīs / aeuūm.

(Hor., Epist., I, 2, 45).

As cesuras que ocorrem no verso hexâmetro são as seguintes:

- 1) a triemimere, depois de 3 meios pés, ou seja, depois do 1º pé;
- 2) a pentemimere, depois de 5 meios pés, ou seja, depois do 2º pé;
- 3) a heftemimere, depois de 7 meios pés, ou seja, depois do 3º pé;
- 4) a trocáica, depois do troqueu do 2º ou 3º pé;
- 5) a bucólica, depois do 4º pé.

1. Cesura triemimere. Esta cesura é sempre secundária. Nunca se encontra só no hexâmetro. Combina-se com a heftemimere e com a trocáica, de que falaremos adiante.

2. Cesura pentemimere. Vergílio usa preferentemente a cesura pentemimere, em seus versos. Afirma Havet que, num conjunto de 3 versos, empregava em 7 esta cesura. Ela divide o verso em duas partes, que ficam com o mesmo número de tempos fortes. A primeira começa e acaba

3. ELISÃO

Elisão é a supressão de uma vogal final de uma palavra ou de uma vogal seguida de m, em sílaba final, ante a vogal da palavra seguinte.

Exemplo:

Litōra/mūlt(um) ill(e) et teyria ināqtāvūs ab/ālcō

(Verg., Aen., I, 3)

Os poetas antigos usavam da elisão com mais frequência. A proporção que a influência grega se faz sentir mais poderosa mente, em Roma, nota-se que o seu emprego vai diminuindo. Vergílio ainda nos oferece muitos exemplos de elisões. Mas já não acontece o mesmo com Propércio, Tibulo e Ovídio.

No período clássico, o hexâmetro não comporta mais de duas elisões. Procuravam os poetas dessa fase ^{nas conjunções e ante a illigida} não ~~empregar~~ nos dois últimos pés. Também ^{se procurava por não empregar} ~~evitavam~~ ^{evitar a elisar} nos monossílabos.

Embora não se possam estabelecer regras inflexíveis a este respeito, verifica-se que ela atingia de preferência:

- a) as vogais breves;
- b) os polissílabos;
- c) o tempo forte do pé.

Cont. 5
E' faltar na harmonia o hexâmetro a seu favor.
Se há versos desta espécie ^{existem} com ausência total de versos, eles se encontram nos antigos poetas e, ainda assim, raras vezes. Mas tem ainda este hexâmetro de Lucílio:

Nec uictum/ flamini/ flandis/ audis de sepulchris.

(Sat.)

num tempo forte; a segunda se inicia e termina num tempo fraco. Disso resulta a harmonia e variedade do hexâmetro.

Vejamos um exemplo:

Dūctō/rēs Dānā/ūm// tōt/iām lā/bentibus/ ānnis.

(Verg., Aen., II, 14)

3. Cesura heftemimere. Esta cesura quase nunca é usada só, mas em combinação com a triemimere ou com a trocaica, ou com as duas ao mesmo tempo.

Exemplo de cesura heftemimere com a triemimere:

Mūltā gē/mēns// Ig/nōmīnī/ān// plā/gāsqūē sū/pērbī.

(Verg., Georg., III, 226).

Exemplo de cesura heftemimere com a trocaica (3ª pé):

Liliā/ uērbē/nāsqūē// prē/mēns// uēs/cūm quē pā/pāuēr.

(Verg., Georg., IV, 131).

Exemplo de cesura heftemimere com ambas:

Exspē/tās// fā/tīsqūē// dā/tās// nōn/rāspicīt/ūrbēs.

(Verg., Aen., IV, 225).

Era muito frequente a última combinação de cesuras entre os poetas latinos. Só em Vergílio, há mais de 1200 exemplos.

Mais raramente se combinava a cesura heftemimere com a trocaica ~~da terceira~~ do segundo pé troqueu, de que é exemplo o seguinte hexâmetro:

Hīrsū/tūmqūē// sū/pērcili/ūm// prōmīssāquē/bārbā.

(Verg., Buc., VIII, 34)

4. Cesura trocaica.

Assim se chamava esta cesura, porque ocorria ~~depois~~ ^{no} do segundo ou terceiro pé, depois de formado o troqueu. Era rara a cesura trocaica aparecer só. ^{Quase sempre esta cesura aparece em troqueu} ~~Era quase sempre secundaria. Se ha exemplo de trocaica só, no terceiro troqueu, já o mesmo não acontece com a do segundo pé.~~

Exemplo de cesura trocaica: no terceiro pé:

soārgēns/ ūnādā/ mēllā// sō/pōrīfē/rūm pā/pāuēr .

(Verg., Aen., ., 486).

Elle aparece conjugada com ~~trímetros~~.

Exemplo de cesura trocáica com trímetros:

Cōnfū/sās// sōnūs/ ūrbīs// ét/ Illāe/ tabílē/ mūrūr.

(Hor., Sat., I, 2, 43).

(Verg., Aen., XII, 619)

5. Cesura bucólica.

Esta espécie de cesura foi empregada por Teócrito e Homero. Vergílio usa-a, com mais frequência, nas Bucólicas, ~~em 330 versos~~, há 55 ~~em~~ ^{versos} com cesura bucólica. Na Eneida, ela aparece raramente. ~~O pé que a precede, é sempre um dátilo.~~

Exemplo:

Dīo mīhī/ Dāmaē/ tā, cūlūm pécūs?// An Mēlī/ bōeī?

(Buc., III, 1)

Divide esta cesura o hexâmetro em dois membros desiguais, dos q
quais o primeiro é duas vezes maior que o segundo. Se, por um lado,
ela quebra a monotonia do verso, por outro exige do poeta grande perí-
cia, para que não fira as leis do ritmo. Costumam os autores distin-
guir nesta modalidade de hexâmetros os que têm a pontuação bucólica
dos que a não têm. Há pontuação bucólica, quando os dois últimos pés
do hexâmetro se ligam, pelo sentido, ao verso seguinte. Neste caso, o
quarto pé um dátilo, em caso contrário, é espondeu.

Havia uma verdadeira técnica no emprêgo da cesura, principalmen-
te entre os poetas da idade clássica. Assim era considerada imperfei-
ta a cesura que ^{ocorria} ~~havia~~:

1. depois de uma palavra cujo final se elidia:

Dīuēs ā/līt; plācī/tōnē// étī/ām pūz/nābīs ā/mōrī?

(Verg., Aen., IV, 38).

2. depois de um prefixo (cesura por messe):

An uīgī/larē mē/tu ēx//ānī/mēm, nōe/tēsquē dī/ēsquē.

(Hor., Sat., I, 176).

3. antes de uma enclítica:

Hāud mōrā/ cōnuēr/sīs//quē fū/ēx āu/fērtūr hā/benās.

(Verg., Aen., XI, 713).

4. depois de um monossílabo:

Et cūm/ frīgīdā/ mōra// ānī/mā sē/dūxērīt/ artūs.

Para determinar onde incide a cesura, deve-se ter sempre em vista a pontuação e os grupos de palavras mais intimamente relacionadas, constituindo unidades ou membros de frase menores. Não é fácil às vezes atinar, quando há várias cesuras, qual a principal. Não existem, para isso, regras fixas. Provavelmente a hesitação, neste ponto, remonta aos próprios gramáticos e rétores da antiguidade clássica.

10. FIM DO HEXÂMETRO.

A partir de Vergílio, observam-se as seguintes regras, relativamente ao final do hexâmetro:

1. não há elisão nos dois últimos pés;
2. o verso termina ordinariamente numa palavra de duas ou três sílabas, como condere urbem, ^{voluerit Parcas.} ~~et tunc ab opib.~~. Raramente se encontram palavras de maior número de sílabas ou de uma só sílaba. Isto ~~de~~ se verificava, ^{in versu} quando o poeta queria dar certa expressividade à sua linguagem. Assim se explicam o quadrapedante e o mas de Vergílio, nos seguintes versos:

... perfractaque quadrupedantem

~~Et tunc ab opib. et tunc ab opib. et tunc ab opib. et tunc ab opib.~~
Pectora pectoribus rumpunt.

(Verg. Georg., I, 181).

... saepe exiguus mas

Sub terris posuitque domos atque horrea fecit.

(Verg. Georg., I, 181)

Aludindo ao primeiro exemplo, diz Marouzeau: "Vergile aussi suggère par deux mots encombrants l'idée d'une puissance déchaînée" / (Traité de Stylistique, ^{Paris} 1935, 96).

Com o destaque dado a mas no fim do verso, torna-se evidente que ele quis pôr em realce a pequenez do rato.

10. VERSOS LEONINOS.

Dá-se o nome de verso leonino ao hexâmetro em que os dois membros, separados pela cesura, rimam. Supõem alguns autores que isto sucedia por acaso. Não havia intenção de rima por parte dos poetas. Mas a verdade é que os poetas posteriores lançaram mão ^{distin} dêsse expediente como um recurso estilístico.

Exemplos:

CASOS ESPECIAIS

1. ~~Esse~~ ^{freq. Aparecem} às vezes, nos poetas latinos, sílabas breves ~~esses~~ ^{em} en-
pregadas como longas, no tempo forte do pé, antes da cesura. Esta prá-
tica, mais comum nos antigos poetas, também se encontra nos da idade
clássica.

Exemplos:

Omnia / uincit ā / mōr // ; ēt / nōs cē / dāmūs ā / mōrī.

(Verg., Buc., X, 69).

Nūllī / cūrā rū / it // ēx / tērnōs / quārērē / ōiūōs.

(Prop., Eleg., IV, 1, 17).

2. Uma sílaba em que a vogal se seguia consoante mata (p, b, t, d, g, g) e líquida (r, l) era comum no verso, por imitação grega. Os poetas antigos a consideravam breve. ~~Exemplos:~~

Exemplos:

Et prī / mō sīmī / līs uōlū / crīs, mēx / uērā uō / lūcrīs.

(Ovídio, Met., XIII, 607).

3. Uma sílaba final breve, seguida de palavra começada por um grupo de duas consoantes, das quais a primeira era g, conservava-se breve. ^g Este fato denominado sigmatismo. Vergílio parece evitar essa prática, que se torna rara nele.

Exemplo:

Pōnītē / . Spēs albī / quīsqūe; sōd / hāec qu(am) ān / gūstā uī / dētīs.

(Verg., Aen., XI, 309).

4. Costumam os ^{poetas latinos do período clássico} poetas latinos evitar o hiato resultante do en-
tro da vogal final de uma palavra com a inicial da palavra seguinte. ~~Em tais casos, preferiam fazer a elisão.~~ Em Vergílio, todavia, se nos de-
peram alguns hiatos, em tal circunstância. Isto ocorria, ~~quando~~ ^{quando} geral-
mente, ~~antes de~~ ^{antes de} depois de uma pausa apreciável (cesura), que separava as
~~versos~~ ^{versos} depois de interjeições, ~~em~~ ^{e em} e nomes próprios de origem grega.

Exemplos:

(1) Drōm alīs a supra da vogal ou uma final
de uma palavra que se segue à seguinte começa por
atque ego, multū illū.

Et sū/cūa p̄cō/rī, // ē/ iāc sūb/dūcitur/ āgnīs.

(Buc., III, 6)

tē cōr̄/dōn, ò Ā/lēxīl trā/hit sūa/ quēquē uō/lūptās (com abreviamento da interjeição).

(Buc., II, 65)

Ullā mē/rān iō/cūrē, nē/quē) Āōnī/ē Āgā/nīppē.

(Buc., XI, 12)

Nos dois últimos exemplos, além de serem gregos os dois últimos nomes, o hiato também se poderia explicar pela prática constante dos poetas em não fazer elisão nos dois últimos pés do verso.

5. A redução de duas vogais, no corpo da palavra, a ditongo (sinérese) é fato comumente observável nos poetas latinos. Em Vergílio, por exemplo, encontra-se ferrei, aurei, aurea, feice, deinde, deinde, deinceps, aluao, ocreas, eodem, Orphēi, Ilionēi, Protēi, Menestheo, etc.

Exemplos:

Ātrīa/; dēpēn/dēnt lych/nī lāquē/ārlūs/ āurēis.

(Aen., I, 726)

Orphēi/ cāllīō/pēā, II/nō fōr/mōsūā Ā/pōllō.

(Buc., IV, 57)

Dētūr/ōāt lē/xātquē fō/rēs; sīmūl/ āccipit/ āluao.

(Aen., VI, 412).

Ferrēi/quē) Eumēnī/dūm thēlā/mī) Et Dīs/cōrdiā/ dēmāns.

(Aen., VI, 280).

6. Nas palavras em que entram i e u, eram estes fonemas, quando seguidos de vogal, ora considerados vogais, ora semivogais. Em Vergílio, há muitos exemplos de i e u como semivogais: abiete, ariete, arietat, pariete, omnia, precantia, stellio, penua, tecuis, Iavinia, etc.

Exemplos:

Ārietēt/ In pōr/tās ēt/ dūrōs/ ōbīlicē/pōstēs.

(Aen., XI, 890).

Itālī/ām fā/ōō prōfū/gūs lā/ālniāquē/ uēnīt.

(Aen., I, 1).

stabīs patri/ae cecī/dērē mā/nīs. Quīn/ prōtinūs/ omnia.

(Aen., VI, 33).

7. Entre as postas arcaicas, o s final, seguido de palavra começada por consoante, não formava posição. Em inscrições ou documentos antigos, ele é omitido, sinal evidente de que não era pronunciado.

Exemplo: ~~ma~~

mān fīc̄/rēnt inūe/nēs sūbī/tē) ēx īn/fāntībūs/pārūis.

(Lucr., De rer. nat., I, 186).

8. ^{no} ~~o~~ terminações ^{em} ~~-ius~~ dos demonstrativos e indefinidos, o i ^{na} ~~é~~ tratado, ora como longo, ora como breve: illīus, istīus, ipsīus, quīus, quīus, quīus, quīus. *Na antiga poesia, era longo.*

Exemplo:

pōstrābitē cōlūfessē sāmō. hīc/illīus ārmā
(Verg., Aen., I, 16)

īpsīus/ānchīsās lōngāenī) nōc/mānīs quīebīs
(Verg., Aen., V, 535).

EXERCÍCIO

Reverendos

1. ~~Reverendos~~ as seguintes hexâmetros; ~~Reverendos~~ ~~as seguintes~~ ~~as seguintes~~:

Arma virumque ceno, Troiae qui primus ab oris
Italiam fato profugus Laviniaque venit
Litora, multum ille et terris factatus et alto
Wi Superum, aene memorem Iunonis ob iram,
Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem
Inferretque deos Latio, genus unde Latinum
Albanique patres atque altae moenia Romae.

(Verg., Aen., I-7)

2. Dispon ~~as~~ ~~as~~ ordem as palavras latinas abaixo, de maneira que formem versos hexâmetros:

Musa, memora mihi causas, quo laeso numine
Regina ~~deorum~~ ~~deorum~~ decora quid dolens tot casus voluere
Virum pietate insignem, tot labores adire
Impulerit; tantae ne irae caelestibus animis?

3. Anotar o que ~~de~~ há de se de observação nos seguintes hexâmetros:

Cara deum suboles magnam Iouis incrementum.

(Verg., Buc.,).

Partitur interea caelum, et ruit Oceano Nox.

(Verg., Aen., II, 250).

sed satis ambobus Teucrisque venire Latinisque.

(Verg., Aen., VII, 470).

~~Posthabita coluisse Samo. Hic illius arma.~~

Posthabita coluisse Samo. Hic illius arma.

(Verg., Aen., I, 16).

Glaucum et Panopeam et Ino Melicertae.

(Verg., ~~II, 437~~ Aen., I, 437).

Nomen et arma locum servant; te, amice, nequirit.

(Verg., Aen., VI, 507)

Donec dehinc auro grauias sestoque elephanto.

(Verg., Aen., III, 464)

Natum ante ora patris patremque qui obruncat ad aras.

~~II, 663~~

(Verg., Aen., II, 663).

4. Assinalar as cesuras nos seguintes hexâmetros:

Tempora cunctantique natantia lumina soluit.

(Verg., Aen., V, 856).

Ite meae quondam felix pecus, ite capellae.

(Verg., Buc.,).

Armentarius Afer agit, tectumque, Laremque.

(Verg., ~~Buc.~~ Georg., III, 344).

Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi.

(Verg., Buc., I, 1)

Accipiant inimicum imbrem rimisque fatiscunt

(Verg., Aen., I, 123)

Infandum regina iubes renouare dolorem

(Verg., Aen., II, 3)

Inde toro pater senex sic orsus ab actis

(Verg., Aen., I, 2)

Qui teneat; manum inculta mittet, hominane feracem.

(Verg., Aen., I, 308)

Partitur interea caelum, et ruit Oceano Nox.

(Verg., Aen., II, 250).

sed satis ambobus Teucrisque venire Latinisque.

(Verg., Aen., VII, 470).

~~Posthabita coluisse Samo. Hic illius arma.~~

Posthabita coluisse Samo. Hic illius arma.

(Verg., Aen., I, 16).

Glaucum et Panopeam et Ino Melicertae.

(Verg., ~~II, 437~~ Aen., I, 437).

Nomen et arma locum servant; te, amice, nequit.

(Verg., Aen., VI, 507)

Donec dehinc auro grauias sestoque elephanto.

(Verg., Aen., III, 464)

Natum ante ora patris patremque qui obruncat ad aras.

~~II, 663~~

(Verg., Aen., II, 663).

4. Assinalar as cesuras nos seguintes hexâmetros:

Tempora cunctantique natantia lumina soluit.

(Verg., Aen., V, 856).

Ite meae quondam felix pecus, ite capellae.

(Verg., Buc.,).

Armentarius Afer agit, tectumque, Laremque.

(Verg., ~~Buc.~~ Georg., III, 344).

Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi.

(Verg., Buc., I, 1)

Accipiant inimicum imbrem rimisque fatiscunt

(Verg., Aen., I, 123)

Infandum regina iubes renouare dolorem

(Verg., Aen., II, 3)

Inde toro pater senex sic orsus ab actis

(Verg., Aen., I, 2)

Qui teneat; manum inculta mittet, hominane feracem.

(Verg., Aen., I, 308)